



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO: LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

IRIS DE FÁTIMA COSTA ROCHA

ESPAÇO PÚBLICO: Um olhar sobre a Praça Zé de Melo no município de
Soledade – PB

Orientador: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz

Campina Grande – PB
2014

IRIS DE FÁTIMA COSTA ROCHA

ESPAÇO PÚBLICO: Um olhar sobre a Praça Zé de Melo no município de
Soledade – PB

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência da disciplina Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) para obtenção do grau de graduada em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz.

Campina Grande – PB
2014

IRIS DE FÁTIMA COSTA ROCHA

ESPAÇO PÚBLICO: Um olhar sobre a Praça Zé De Melo no município de
Soledade – PB

Monografia julgada para a obtenção do título de Graduada em Geografia pela Universidade
Federal de Campina Grande
Campina Grande, Setembro de 2014

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz

Orientador

Prof. Me. Angelica Maria de Lima Dias

Examinadora

Prof. Me. Thiago Romeu de Souza

Examinador

ROCHA, Iris de Fátima Costa. **Espaço Público:** Um olhar sobre a Praça Zé De Melo no município de Soledade – PB. Artigo apresentado a Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Aprovado em: _____ de Setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz

Orientador

Prof^ª. Me. Angelica Maria de Lima Dias

Examinadora

Prof. Me. Thiago Romeu de Souza

Examinador

A Deus, fonte de milagres e prodígios, a quem devo toda a minha existência e minhas vitórias. A ti tudo confio, pois é minha luz!

A minha família, por todo amor, compreensão, incentivo e cuidado. Sem vocês eu não teria aprendido a diferenciar o certo do errado, o bom do ruim, o que une e o que separa.

Dedico

Agradecimentos

Primeiramente a DEUS por minha vida, pelos momentos únicos e inesquecíveis, a Ele que tudo confio.

Ao meu pai Ernanny por estar sempre presente me dando forças e afeto em todas as circunstâncias da vida e a minha mãe Maria de Fátima por seu exemplo de coragem e dedicação, não medindo esforços por seus filhos. Esta conquista pertence a vocês, meus eternos exemplos.

A meus irmãos, em especial, a Iolanda por toda força, companheirismo e amor transmitido. Obrigada por sempre cuidar de mim, mesmo distante.

Ao meu orientador e professor Lincoln Diniz por toda a paciência e aceitação durante estes últimos meses. Por ter-me preparado para esta lição. Essa vitória é nossa.

Ao meu segundo orientador Thiago Romeu, por todo o tempo de estudo e construção ao que veio ser fruto deste trabalho. Obrigado por ter-me dado os conselhos necessários quando mais precisava.

Aos meus verdadeiros amigos e amigas, por terem compreendidos minhas ausências, mas que estavam sempre presentes. Especialmente Ceíça e Jackeline, amigas, irmãs de longos anos que estão dispostas a me ajudar a qualquer hora. Ana Flávia e Ana Carla (você que me indicou o curso) obrigada por confiarem em mim. Vanesa e Rafael obrigado por todo o apoio e incentivos constantes nessa caminhada de conquista.

Aos amigos que conheci na universidade e que até hoje permanecem em amizade. Ana Carolina, Juliana, Ingrid, Dalisson e Severino que compartilharam comigo muitas noites de estudo, trabalho, por riem meus risos, darem um empurrãozinho nos meus sonhos, confortarem minhas tristezas e me contar uma piada na hora da raiva.

À Ana Paula, Renata, Clara e Gilson (in memoriam) que entraram na minha vida e permanecem comigo, obrigado pelo carinho, palavras e compreensão ao longo desta caminhada de sabedoria.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação, obrigado por toda a dedicação, trabalho e conhecimento repassado. Vocês são exemplos de batalha e inspiração.

A professora Angelica por ter aceitado o convite de participar de minha banca. Muito obrigado.

As minhas professoras da fase inicial que me mostraram o prazer da escrita e o desafio dos números.

A todos que formam a Coordenação do Curso de Geografia da UFCG, por todo apoio.

Aos meus colegas de profissão, exemplos de superação e determinação para construir o aprendizado dos nossos pequenos brilhantes.

Aos motoristas do transporte escolar, que bênçãos sejam derramadas ao ir e vir neste percurso de Soledade a Campina Grande.

Aos colegas de sala, somos os pioneiros da Geografia na UFCG, mesmo tendo prolongado meu sonho. Obrigado por todos os momentos juntos.

A todos que contribuíram direto ou indiretamente para a conclusão deste trabalho.

Enfim, ao meu companheiro e meu bem, Francisco Magno, obrigado por tudo e por ser essa pessoa tão especial em minha vida, tenha certeza que sou muito mais FELIZ ao seu lado.

“Continuo minha busca pelo conhecimento... Eu quero aprender, mas não quero provar nada. Quero ser simples diante do que aprendo. Assim, eu posso aprender dobrado. Aprendo para não esquecer.”

Pe. Fábio de Melo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	Erro! Indicador não definido.3
1 ESPAÇO PÚBLICO: LUGAR DA ESFERA PÚBLICA X LUGAR DA ESFERA PRIVADA.....	1
Erro! Indicador não definido.	
2 UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A PRAÇA ZÉ DE MELO: USOS E DESUSOS E (RE) SIGNIFICAÇÃO	Erro! Indicador não definido.4
2.1 A Praça Zé de Melo.....	28
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:	35
REFERÊNCIAS.....	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Destaque em vermelho da delimitação da Praça Zé de Melo. Elaborado por: Ana Carolina Nogueira, 2014.....	24
Figura 2:	Antiga Praça José Camargo Cabral, atual Praça Zé de Melo./ Fonte: Iris Rocha, 2012.....	26
Figura 3:	Praça José Camargo Cabral./ Fonte: Iris Rocha, 2012.....	27
Figura 4:	Praça Zé de Melo com arborizações e a fonte luminosa./ Fonte: Elias Rodrigues, 2012.....	28
Figura 5:	Praça Zé de Melo durante festividades do São João. / Fonte: Almir Guimarães, 2014.....	32
Figura 6:	Barracas em volta da Praça Zé de Melo./ Fonte: Iris Rocha, 2014.....	33
Figura 7:	Praça Zé de Melo./ Fonte: Iris Rocha, 2013.....	34

RESUMO

Este artigo visa, sobretudo, fazer uma revisão bibliográfica referente aos espaços públicos. Trata ainda sobre as divergências entre o público e o privado nos espaços urbanos, relatando a importância para os estudos acadêmicos. Esta pesquisa foi realizada, especialmente, na Praça Zé de Melo, cidade de Soledade-PB. A referida praça situa-se no entorno da BR 230, via que cruza importantes regiões paraibanas, como: Agreste, Sertão e Litoral. Trecho de variados fluxos de transportes, pessoas e mercadorias. Nesta pesquisa, objetivou-se ainda caracterizar a praça, este espaço que se transforma em lugar a partir de seus usos, dando-lhe significados espaciais, por meio das relações afetivas e de socialização. As descrições obtidas das experiências vividas, coletadas em entrevistas, nos remetem uma melhor análise e compreensão sobre a realidade desta praça, da qual necessita de ações de políticas públicas.

Palavras - chaves: Espaço público, praça, lugar, Soledade-PB.

ABSTRACT

This paper aims to do a bibliographic revision concerning public spaces. This study still deals with the divergences between both the public and the private urban spaces reporting its importance to the academic studies. This research was carried out in the Zé de Melo' Square, Soledade-PB' Town. The aforesaid square is located near BR 230, the way which crosses important Paraíba State regions, as: Agreste, Sertão and, Litoral where there is a varied flux of transport, people and goods. This research also sought to accomplish to characterize the square, a space that transforms itself in a place based on its uses, giving spatial meanings, through the affective relations and socialization. The descriptions obtained from the lived experiences, collected through interviews, lead to a better analysis and a comprehension about this square reality which needs actions of public policies.

Key-words: Public space. Square. Place. Soledade-PB.

INTRODUÇÃO

Desde a Grécia Antiga até os dias atuais, o termo espaço público vem passando por significativas transformações. A noção de espaço público passa por crises em determinados momentos da história, sendo, cada vez mais, discutida em diversos âmbitos acadêmicos, assumindo importantes papéis nas áreas em que é estudada, a exemplo da ciência geográfica que tem como especificidade o espaço na sua totalidade. Desta forma, é necessário ressaltar a distinção entre espaço público e espaço urbano (mesmo sabendo que ambos se imbricam), além de definir as duas esferas da vida social: a pública e a privada. É preciso ressaltar que o estudo dos espaços públicos tem como base teórico-metodológica a cidade, já que esta é produto condicionante e reprodução da sociedade, através das relações sociais, culturais, políticas e econômicas, a cidade assume formas e significados espaciais de acordo com o tempo. Portanto, muitos são os espaços públicos nas cidades que nos proporcionam sensação de bem estar, conforto e lazer, sendo caracterizada por sua história, identidade e pelos objetos urbanos. São nestes espaços que mantemos interação e a construção entre os indivíduos, exercendo a cidadania e as relações entre sociedade e Estado.

A partir de estudos realizados sobre espaços públicos, como praças em localidades urbanas, nota-se que há poucos relatos registrados sobre a Praça Zé de Melo, praça localizada no Município de Soledade-PB¹. Por esta razão, esta pesquisa objetivou identificar a importância da praça para a vida dos cidadãos do lugar, bem como conhecer quais os usos e desusos que são oferecidos neste espaço. Nesse intuito, os procedimentos teórico-metodológicos abordados estão circunscritos no método fenomenológico, método que utiliza há descrição através de experiências vividas. Com base em procedimento qualitativo, efetuaram-se pesquisas de campo, entrevistando a população que frequenta este espaço, além de consultas em acervos fotográficos e pesquisa bibliográfica referente a temas desta área. Cabe destacar ainda que se trata, sobretudo, de uma pesquisa de revisão bibliográfica aplicada ao objeto relacionado.

Sendo assim, o primeiro capítulo pretende avaliar as bases sob as quais se apresentam o valor imaterial e comportamental do espaço público. Mais precisamente: a)

¹ Soledade é o município do estado da Paraíba, localizado a 178 km de distância da capital paraibana. Localiza-se na microrregião do Curimataú Ocidental. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano 2013, a população era estimada com 14.418 habitantes, com área territorial (km²) de 560, 042.

entender como a noção de espaço público se formalizou na sociedade; b) a análise de como essa noção foi transformada em um modelo abstrato da interação política da sociedade e c) o espaço público e urbano na cidade d) o lugar, um espaço vivido que é carregado de sentimentos e afetividades que se constrói entre os indivíduos e que também se modifica com relação à sociedade que procura evoluir diante da globalização, do mundo proposto.

Por conseguinte, o segundo capítulo desta pesquisa irá mostrar detalhes de como a praça considerada espaço público e urbano vem sendo transformada pela sociedade e pelo Poder Público.

Através do olhar dos atores sociais é analisada a Praça Zé de Melo, visando compreender qual é seu papel no contexto da cidade de Soledade e seu valor para a vida da população que a frequenta, através das descrições e experiências vividas. São apresentadas as espacialidades presentes no uso de suas formas e funções, que ressaltam as interações dos atores sociais que produzem este espaço.

1 ESPAÇO PÚBLICO: LUGAR DA ESFERA PÚBLICA X LUGAR DA ESFERA PRIVADA

A origem da noção de espaço público se encontra nos Estados-Nação europeus do final do século XVIII, sendo nessa época que o termo público, publicidade e espaço público começaram a serem usados com maior frequência. Tais termos foram difundidos na Inglaterra, na França e na Alemanha, possuindo significados um pouco diferentes em cada uma destas nações.

Como afirma Sennett (1988), o sentido de “público” ampliou-se de uma vida que era apenas de âmbito familiar e de amigos para outra de grupos sociais de conhecidos e estranhos, aumentando a diversidade das pessoas, da vida pública, os locais de encontro, com o intuito de lazer (parques, ruas, cafés, teatro, mercados, etc.). Sobre a etimologia de público, explica:

A primeira referência etimológica relativa à esfera pública é instrutiva. Em alemão, só no século XVIII é que, por analogia a *publicité* e *publicity*, o substantivo é formado (...)[esfera pública] (...) ela pertence especificamente à ‘sociedade burguesa’ que, na mesma época, estabelece-se como setor da troca de mercadorias e de um trabalho social conforme leis próprias. Não obstante, muito antes já se falava de ‘público’ e daquilo que não é público, daquilo que é ‘privado’” (VALVERDE, 2007, p. 85. *apud* HABERMAS, 1984, p. 15).

Nesse mesmo período, já começa a se diferenciar o público do privado, tendo por base o modelo clássico grego e suas características para depois se relacionar com a sociedade moderna, é durante este século XVIII, como nos mostra Sennett, que:

[...] Comportar-se com estranhos de um modo emocionalmente satisfatório, e no entanto permanecer à parte deles, era considerado em meados do século XVIII como um meio através do qual o animal humano transformava-se em ser social. As condições para a paternidade, ou maternidade, e para amizades profundas eram consideradas por sua vez como potencialidades humanas, ao invés de criações humanas; enquanto o homem se fazia público, realizava sua natureza no domínio privado, sobretudo em suas experiências dentro da família” (SENNETT, 1943, p. 33).

Sendo assim, a esfera pública do modelo clássico grego representava um conjunto de características que se difere totalmente da esfera privada, seja em seus participantes, seja em suas matérias, princípios e objetos como define Valverde (2007):

[...] Só participava desta esfera pública os cidadãos iguais, ou seja, aqueles que eram proprietários de terras e de escravos, pois estes não precisavam trabalhar para garantir a sua existência. [...] Da mesma forma, acontecia no uso do espaço, pois os diferentes grupos sociais tinham graus de acesso diferentes às localidades da cidade: fóruns, mercados, portos, templos, academias, jogos, todos tinham públicos formados por diferentes composições de cidadãos e pessoas de segunda classe. A esfera pública na polis grega era então exclusivamente frequentada por cidadãos livres, iguais em suas atribuições e direitos, mas que procuravam se diferenciar através da palavra e da razão.[...] Já a esfera privada era aquela referente aos assuntos da família, da casa e do clã. Na Grécia Antiga era marcada por relações de hierarquia entre os seus participantes: pais, filhos e escravos, das quais dividiam os mesmos aposentos e obedeciam aos comandos do parentesco e da necessidade.” (pg. 89).

Então, na Grécia Antiga, há oposição existente entre o público e o privado era justamente para ordenar o espaço, a sociedade como também às leis. As questões que se fazem presente no âmbito familiar já eram tratadas com diferenças, de acordo com a hierarquia, demonstrando que esse "privado" estava restrito ao domínio dos indivíduos do clã. Já o "público" refere-se ao domínio social, no caso, a sociedade.

Desta forma, essa separação decorrente de privado e público da vida urbana foi se formalizando de forma contínua, se difundindo por todo o Ocidente. Percebe-se que os espaços (feira, praça, residência, rua, teatro, mercado, clubes, etc) começam a receber diferentes significados, de acordo com a época em que são tratados. Com isso, o nosso trabalho que tem como análise as praças, avalia o poder de transformação deste espaço público ao longo do tempo:

Houve uma época em que os atores da comunicação faziam – se presentes em praça pública com o objetivo de discutir o que então se reconhecia público [...]. A praça era o local onde se discutiam questões de interesse desses cidadãos (os *eleutheroi*), assuntos reduzidos a um espaço determinado pela relação de dominação que eles mantinham na sociedade em que estavam inseridos. O espaço público era então limitado aos partícipes dessa ‘comunidade’, atores de uma comunicação ainda distante de ser social, cujo objetivo se restringia ao conceito de ‘tornar comum’, este comum limitado à esfera do Koinos, mundo dos gregos no espaço da polis. Somente mais tarde, com a consolidação da sociedade burguesa, que começa a haver uma significativa alternância de poder: o Estado passa a gerir os interesses de uma sociedade que aos poucos vai se configurando (SOUSA, 2006. pg 180)

O modo como os espaços são tratados se diferem à medida que os interesses particulares se distinguem dos interesses coletivos, representando a reprodução da vida pública ao longo dos anos, conforme a cidade vai se diversificando sócio espacialmente:

A transformação grega para o Período Moderno demonstra bem isso, o Estado assume suas responsabilidades diante da sociedade que se modifica a sua época: os significados e os espaços definiriam as diferenças entre o que é público, o que é privado e o que é social nos dias de hoje” (VALVERDE, 2007, p.99).

É bem verdade que durante esta transição do período grego aos tempos modernos foi de transformações para a história do Ocidente, pois a partir de fins do século XVIII até o século XIX a vida pública ganha uma nova versão, centralizada justamente em torno da burguesia, da qual, surgem novos espaços como o comércio de mercadorias e a fragmentação das classes sociais, com a opinião pública:

O espaço público burguês personificou como condição de sobrevivência o poder do Estado e, conseqüentemente enfraqueceu-se com este, inviabilizando sua competência como defensor de uma democracia representativa e participativa, que traria para todos igualdade de condições. (SOUSA, 2006. pg. 160)

Só anos mais tarde, aparecem as indústrias e também o capitalismo, que se estende as diversas cidades, destacando as cidades européias, com as mudanças e avanços significativos tanto em pontos positivos como a Revolução Industrial, os conhecimentos técnicos, o aumento da população urbana, o modo de vida na cidade; como pontos negativos: tinha que organizar e tornar habitável tais cidades, já que ocorria o aumento populacional, criavam-se espaços com falta de transportes, de higiene, casas aglomeradas nas ruas, etc. É desta forma que começa os problemas da vida urbana e os avanços tecnológicos, a ampliação da cidade, dos espaços a serem criados e a atenção por parte dos cidadãos aos seus representantes (o Estado), como bem define Valverde (2007):

O espaço urbano se torna então matéria de um novo conjunto de especulações, de exigências e de experiências que vai além do julgamento dos especialistas e de seus projetos. Breve, a reflexão sobre a quantidade, a qualidade e a ordem de espaços coletivos de uma cidade ganha em importância, sendo considerada parte decisiva para conferir novo sentido ao espaço urbano. Esse novo sentido que é incessantemente buscado, por sua vez, seria marcado pela procura de uma cidade mais justa, mais organizada, mais higiênica e mais inspiradora para os seus habitantes. (pg. 112)

São neste sentido que a noção de espaço público ganhou novas dimensões, nos quais, tais espaços físicos destinados ao um público mais amplo e coletivo, como uma sociedade em que seus membros ainda são estranhos (SENNETT, 1982.) uns aos outros. No entanto, é nela que emerge o senso democrático comum, de ver a cidade, os espaços que a compõem sendo construídos pela a administração política. Durante este período de

desenvolvimento do comércio, da indústria, das grandes cidades, das imigrações, dos espaços públicos criados, etc., a praça começa a tomar uma nova forma, a exemplo do que ocorreu em Londres, em 1666, e Paris, em 1680, que devido à aglomeração urbana da população, tiveram suas praças reorganizadas por meio de outra função e aparência, planejadas com:

A idéia de um espaço imenso feito pelo homem, bem no meio de um denso conglomerado urbano, foi o que os arquitetos de Paris aproveitaram na década de 1680: a Place des Victoires (1685-86) constitui sua primeira expressão. [...] O que tal esforço significou para a cidade de Paris foi o que a massa humana da população e a ilusão humanamente planejada de espaço ilimitado iam agora se unir (SENNETT, 1982, p.75).

Com isso, as praças construídas tinham a participação de grandes arquitetos que foram treinados em Versalhes. Estes espaços grandiosos deveriam acomodar as pessoas nas áreas centrais como forma de lazer, em que fossem apenas de passagem, eliminando as barracas, o comércio de rua, os acrobatas, mantendo ao seu redor os cafés por trás de portas. No entanto, os arquitetos não obtiveram o resultado desejado, pois ocorreu uma fragmentação e dispersão da vida urbana, fazendo muitas famílias se afastarem para as áreas mais distantes do centro e com casas isoladas umas das outras, procurando manter ao seu redor a impressão do campo, de áreas naturais, começando a construir praças arborizadas espalhadas por toda a cidade:

À medida que a população de Paris ia crescendo, as áreas ao redor das praças ficavam gradativamente mais densas, mas esses centros já não serviam como pontos onde a multidão pudesse se juntar em várias atividades num mesmo local. [...] As praças monumentais do princípio do século XVIII, ao reestruturarem a aglomeração populacional na cidade, reestruturaram também a função da massa, pois mudou a liberdade com que as pessoas poderiam se reunir. A reunião de uma multidão se tornou uma atividade especializada; acontecia em três locais: no café, no parque para pedestres e no teatro. [...] os criadores de praças espalhadas estavam firmemente decididos a manter o comércio afastado da área da praça. [...] A praça se tornara um museu da natureza em meio ao mais sofisticado tipo de moradias. [...] Em Londres e em Paris, portanto, a reestruturação da densidade populacional por meio do planejamento de praças refreou a própria praça como um lugar central de uso múltiplo, de reunião e observação (Idem, p. 76).

O termo “público” foi se ampliando a partir de meados do século XX, sendo muito utilizado por arquitetos e urbanistas, entretanto, nos anos anteriores já existia alguns autores que faziam uso desse termo para designar equipamentos urbanos, serviços e até mesmo para a construção de espaços como as praças públicas, tentando mostrar a

existência e a necessidade de tais aparatos: essa transformação no uso da palavra “público” de adjetivo durante o século XIX em substantivo no século XX demonstra que o caráter específico desses objetos espaciais foi desenvolvido aos poucos. (VALVERDE, 2007, p.101).

Sendo assim, essa expressão ou termo “espaço público” passou a ser estudado em diferentes áreas transformando-se e assumindo importantes papéis nas áreas interessadas nos seus estudos. Nos dias atuais, o espaço público é entendido como aquele que possui uma forma física e concreta (como praças, ruas, jardins, praias...) lugares onde é expresso o diálogo permanente e que se renova além do espaço abstrato, imaterial (comportamentos, a identidade, as afinidades...), as significações da palavra pública são influenciadas pela localização, que as modifica ou orienta, e, ao mesmo tempo, essa palavra e o diálogo contribuem para modificar também a significação dos lugares (GOMES, 2012. p.25).

Os significados e as formas expressas nos espaços públicos são vistos principalmente nas cidades, pois é neste lugar onde vive a parcela crescente da população (CORREA, 1989. p.05). Quando se trata da cidade, devemos destacar também o espaço urbano que em muitos lugares, a cada ano aumenta, seja por meio como é fragmentado e articulado, seja pelas formas (estas que são produzidas por atores, agentes sociais concretos) e as funções que são recebidas e que mudam. Este espaço urbano e considerado público é também:

Um espaço abstrato, irreal, que nunca existiu, mas que todos se sentem ligados a ele e que o procuram enquanto vivenciam os espaços concretos. [...] Nesse sentido, o indivíduo se encontraria sempre em uma posição intermediária quando visitaria e participaria das atividades de um espaço público, uma vez que usaria os espaços concretos, mas que julgaria o sentido dos espaços públicos a partir de elementos utópicos, mesmo quando esses estivessem em desacordo com o mundo concreto e/ou com o conhecimento científico. (VALVERDE, 2007).

É necessário ressaltar ainda, como afirma Gomes (2012) que é nas cidades que há uma complexa rede de valorização de seus espaços públicos. A exemplo da Praça Zé de Melo no município de Soledade-PB, que recebe uma importância significativa para a sua cidade, pois neste espaço há interações entre os indivíduos que a frequenta. Portanto, é nas cidades que podemos perceber a cenarização da vida urbana, a mistura, o encontro, a comunicação e a produção da diversidade sócio-espacial da população. Como para Valverde (2007), as transformações na organização ocorrem com o avançar das gerações e com o desenvolvimento de políticas públicas, ou seja, com o passar do tempo e com a formalização política. Podemos concordar ainda com Sousa, quando ele trata:

[...] o espaço público contemporâneo também se fragmenta enquanto se integra. [...] não há mais a concepção de um espaço público universal, mas a justaposição de espaços parciais que colocam os sujeitos-cidadãos em situação de interação parcial: o local, pode-se assim dizer, entretecido no global. E nesse contexto, porque o processo é dinâmico e os fenômenos se dão em concomitância, articulam-se as identidades, reorganizam-se as massas. (2006, p.186)

Desta maneira, concordamos com Carr (apud. Valverde), urbanista que definiu na década de 90, o espaço público da seguinte maneira:

Nós definimos espaço público como lugares abertos e publicamente acessíveis, aonde as pessoas vão para desenvolver atividades grupais ou individuais. Enquanto o espaço público pode assumir diversas formas e ter vários nomes, (...) todos eles dividem elementos comuns. Espaços públicos geralmente contêm amenidades públicas como calçadas, bancos e água, elementos físicos e visuais, como o pavimento ou gramado e vegetação que apóiam as atividades. Sendo tanto achado ou planejado, tais espaços são normalmente abertos e acessíveis ao público. Alguns estão sob a propriedade e administração pública, enquanto outros são de propriedade privada, mas abertos ao público (VALVERDE, 2007, p.109).

Atualmente, a questão do público e do privado é tratada abrindo divergentes comentários, pois ao falar desses dois domínios, é necessário pensá-los como uma molécula, sendo modos de expressão humanas concorrentes (SENNETT, 1982), localizados em diferentes situações sociais, ora muitos espaços são públicos, mas tem um regime de propriedade privada (GOMES, 2012).

Para este autor, que trouxe importantes contribuições para o estudo dessa espacialidade, o espaço público tem que ser algo ligado diretamente a vida pública, é onde existem também as diferenças individuais, onde problemas sociais podem ser expostos:

Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrição dos conflitos sociais. Por essa razão, esses espaços são marcadores fundamentais de transformação social (GOMES, 2012, p. 24).

Os espaços públicos podem ser assim, entendidos como aqueles lugares que possuem valor concreto e abstrato, enquanto que a sociedade se modifica e se transforma a representação espacial apresenta novos usos tanto nas suas funções como na ação do Estado. A vivência cotidiana nestes espaços é desenvolvida por meio das raízes históricas e

através da identificação que se tem da localidade. O espaço público construído na cidade é desenvolvido em longo prazo, porque fica a mercê das políticas públicas para serem colocadas em prática e desenvolvidas realmente, a sociedade que espera por essas ações é quem fica no limite e tenta lidar com este problema.

Portanto, muitos são os espaços públicos nas cidades que nos proporcionam sensação de bem estar, conforto e lazer, sendo caracterizados por sua história, identidade e objetos urbanos. São nestes espaços que construímos nossas relações afetivas como também exercemos a cidadania. As pessoas personalizam seus lugares de acordo com os seus costumes e suas relações, sendo elas sociais, culturais, políticas ou econômicas, construindo suas identidades.

Sendo assim, utilizamos o conceito de lugar bastante estudado na geografia como referencial que contribui na formação dos espaços públicos e urbanos. Inicialmente, o conceito de lugar, dentro da geografia tradicional, foi definido de acordo com as características naturais e culturais próprias de uma determinada área. Estava ligado à noção de localização e à individualidade das parcelas do espaço.

De acordo com Cavalcanti (1998), na perspectiva da geografia humanística o lugar é o conceito chave, compreendido como o espaço vivido. É onde a vida se realiza, está carregado de afetividade e significado. A perspectiva humanística é desenvolvida sobre as bases teóricas da fenomenologia, que tem na percepção do sujeito sobre o objeto a principal referência. Assim, o lugar é estudado a partir das relações e ligações subjetivas estabelecidas entre o sujeito e o espaço. Conforme afirma Sposito (2004): “[...] É preciso apreender o significado do lugar”, por não ser ele “apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência [...]”.

Portanto, a descrição através das experiências vividas referente ao objeto de estudo, nos remetem uma melhor análise e compreensão de tal realidade. A percepção, os significados, as características e heranças culturais dos indivíduos fazem parte do lugar, pois, ele é o espaço vivido, dotado de significados próprios e particulares que são transmitidos culturalmente. É estudada assim, a percepção do indivíduo, os símbolos, a religiosidade, os valores e as identidades coletivas.

A concepção de lugar, na perspectiva da geografia crítica, por sua vez, valoriza mais as questões políticas e econômicas. É analisado como campo de embate, arena de combate entre as classes sociais. O lugar é o espaço do particular, estando presentes os elementos históricos, culturais e a identidade, revelando as especificidades, concordamos com Sposito

quando afirma: “[...] o espaço vivido, como revelador das práticas sociais passa a ser referência central, colocando-se o lugar no centro da análise” (SPOSITO, 2004).

É no lugar que percebemos a materialização e as contradições da globalização do mundo que vivemos atualmente, é algo que se manifesta amplamente no sentido global, até que chegue a fragmentação do espaço, para um âmbito mais local, da qual as particularidades se misturam, desenvolvendo funções próprias, que se constroem ao longo da história de cada indivíduo, pertencente à sociedade que se apropria do seu devido espaço, ora pelo modo como usa, ora o modo como ele tem acesso. Podemos concordar com Massey, quando afirma que:

Há a especificidade do lugar que deriva do fato de que cada lugar é o centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com as mais locais. [...] Finalmente, todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade dessa história [...] O que dá lugar há uma especificidade não é uma história longa ou internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num lócus particular. [...] cada lugar pode ser visto como um ponto particular, único, dessa interseção. Trata-se, na verdade, de um lugar de encontro (MASSEY, 2000, p. 184 e 185).

Portanto, o modo como ocorre à valorização ou desvalorização do lugar, vai ser proveniente de como os indivíduos constroem e utilizam tal espaço. Deve-se levar em conta as transformações espaciais e as novas tendências dos dias de hoje, segundo Carlos (2007):

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (pg. 17)

O lugar como espaço que mostra a identidade do indivíduo é construído a partir de seus sentimentos e da afetividade expressa. Independente do valor abstrato oferecido, a vivência marcada através das particularidades e da interação faz que aquela determinada localidade tenha dinamismo e o interesse social para que ocorra mudança ou a preservação daquilo que se constrói.

Com tudo isso, entendemos que os espaços públicos são mais presente no espaço urbano, devido à maior população. Os espaços públicos diferenciam-se dos espaços

privados pelo fato de serem espaços de congregação e vivência mútua, os quais se constituem como lugares. Alguns destes importantes lugares são as praças.

O objeto estudado nesta pesquisa se faz por meio desta observação, mostrando como o espaço referenciado, Praça Zé de Melo, contribui para a valorização e as vivências das relações afetivas.

2 UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A PRAÇA ZÉ DE MELO: USOS E DESUSOS E (RE) SIGNIFICAÇÃO

O objetivo geral deste capítulo é reconhecer o valor da Praça Zé de Melo para o município e para a população que a frequenta. Para tanto, combinou-se a leitura de documentos, observações a campo e a análise de entrevistas e questionários de dados sociais.

A Praça José de Melo se encontra no centro da cidade de Soledade-PB, sendo frequentada diariamente por crianças, jovens, adultos e idosos, caracterizados como os moradores frequentadores do município e visitantes passageiros de outras localidades. Possui características semelhantes às praças construídas nas cidades do interior, é um espaço público e urbano, utilizado como forma de entretenimento, onde ocorre a interação dos indivíduos em um espaço tranquilo e lugar da vida cotidiana urbana. (Figura 1).

Figura 1: Destaque em vermelho da delimitação da Praça Zé de Melo.



Elaborado por: Ana Carolina Nogueira, 2014.

A sua localização está em uma área central no município à margem da rodovia federal (BR-230). No seu entorno estão atividades formais e não formais, que estimulam o investimento privado, contribuindo para a vida econômica do município. A iluminação,

arborização e a implantação de bancos ganham então importância, servindo de condições para o desenvolvimento e usos deste espaço público. Com isso, podemos concordar com Cavalcanti (2008) quando afirma que:

Os espaços públicos de cultura e lazer representam um local privilegiado da vida urbana, da experiência e da formação do cidadão. Sendo assim, a construção da cidade mais educadora, sem dúvida, depende da identificação, da preservação e da construção de espaços públicos que promovam o encontro e estimulem uma prática cidadã (CAVALCANTI, 2008. p.178).

Percebe-se, dessa forma, que as classes sociais, os indivíduos que se distinguem entre si, constroem relações simbólicas e afetivas neste espaço, procurando vivenciar o cotidiano, exercitar a vida coletiva e ao mesmo tempo transitam por este espaço e seus arredores, buscando satisfazer seus desejos, usufruir o que ele oferece tanto na forma concreta como abstrata.

A primeira construção da Praça de Soledade ocorreu entre os anos de 1959 a 1963, durante o governo municipal de Alexandre José de Melo. Neste período, o governo municipal do referido prefeito foram construídas três praças vizinhas umas às outras, separadas por pequenas ruas não calçadas, uma ao lado da igreja matriz, a seguinte onde havia assentos de cimento e a terceira próxima aos casarões.

As praças eram singelas com poucos bancos construídos de cimento e com algumas árvores, servindo para o encontro após as missas e para quem ficava à espera de transporte para outras localidades. Cada uma destas praças oferecia as relações afins, sejam elas comerciais, familiares, políticas, sociais ou religiosas. Como qualquer lugar que passa por transformações deixa saudades do tempo vivido nele, por isso, quem relata algum fato sobre alguma das praças, sempre demonstra o valor afetivo, a lembrança da infância, da adolescência, dos acontecimentos e fatos ocorridos neste espaço.

De acordo com a pesquisa realizada, não encontramos registros que indiquem que cada praça possuísse nomes específicos, sendo conhecida apenas pelos seus pontos de referência, como a “praça lá de baixo”, “praça do pirulito” e “praça da igreja”. Só anos mais tarde, cada uma recebeu um determinado nome e uma função.

Outro investimento significativo veio com a reforma no ano de 1986, durante a gestão do prefeito Marinaldo Castelo Branco, que batizou a praça central em homenagem a José Camargo Cabral (Figura 2 e 3) por ele ter trazido a iluminação pública para o município. Durante esta remodelação, as praças já se diferenciavam umas das outras,

devido a cada uma receber diferentes usos. A que se encontra nas proximidades da igreja já não era tão frequentada por seus moradores. A localizada no meio era chamada a “praça do pirulito”, pois tinha dois postes com um círculo em sua volta, em que os carros ficavam estacionados a espera de passageiros. A terceira praça já se tornava a mais movimentada, nela foram colocados alguns equipamentos urbanos para atrair as pessoas, como a instalação de dois televisores no seu centro, já que na época nem todos os soledadenses possuíam televisão em suas casas. Havia ainda dois palcos para as manifestações de festas promovidas pelo poder público municipal.

Nos anos decorrentes os demais prefeitos faziam apenas pinturas e retoques para manter o aspecto visual, demonstrando com isso o zelo pelo patrimônio público, visando agradar a população soledadense. Nesse período várias barracas foram instaladas para a venda de balas, pipocas, refrigerantes, etc.

Figura 2: Antiga Praça José Camargo Cabral, atual Praça Zé de Melo.



Fonte: Iris Rocha, 2012

Figura 3: Praça José Camargo Cabral.



Fonte: Iris Rocha, 2012.

A mais recente reforma da Praça e de investimento mais amplo foi durante a administração política do prefeito Ivanildo Barros Gouveia, inaugurando-a no ano de 2007, na qual, a praça recebeu outro nome e permanece até os dias atuais, chamando-se “Zé de Melo”, por ser o primeiro prefeito a construir a praça do município. Pelos relatos, o prefeito “teve a preocupação de transformar a praça em um símbolo” (sic), um lugar de destaque para o município, uma vez que ele é rota de passagem entre o Sertão/ Agreste e Litoral paraibanos. Ponto comum de parada para os viajantes que transitam a BR-230. O interesse deste prefeito pela praça era “benéfico” (sic) para o ritmo dos investimentos econômicos, uma vez que manifestava tanto o interesse público quanto o privado, ao mesmo tempo em que constrói as relações afetivas, as críticas e elogios pela sociedade civil.

A Praça Zé de Melo recebeu um remodelamento, colocando-se ao centro uma fonte luminosa, plantas arbóreas espalhadas por toda a praça e bancos de madeira, além da retirada do comércio de barracas, transferindo-as para proximidades em um espaço específico conhecido como “praça de alimentação”. (Figura 4) Percebe-se que a reforma promoveu uma maior atração da população a este espaço, sendo caracterizado e usado como ponto de encontro por parte de frequentadores. A praça, pelos que a visitam diariamente é considerada como uma referência para a vivência dos moradores e parada obrigatória para os viajantes, tornando-se lugar de passagem.

Figura 4: Praça Zé de Melo com arborizações e a fonte luminosa



Fonte: Elias Rodrigues, 2012.

Os atores sociais participantes deste espaço público e urbano contribuem para definir e contemplar os usos, os grupos e a representação socioespacial no contexto da cidade. Portanto, com o que foi descrito podemos concordar com Rosendahl (2006) quando afirma que:

A criação dos lugares é um ato social e, portanto, os lugares diferem porque as pessoas assim os construíram. Em outros termos, as pessoas se interpretam e são interpretadas de acordo com o lugar onde moram, ao qual pertencem, ou de onde se originam. (ROSENDAHL, 2006).

2.1 A Praça Zé de Melo

Demonstrada como símbolo para o município, a praça possui ainda a mesma divisão, em três áreas, a primeira próxima à igreja matriz que recebe o nome de Padre Ibiapina, com poucos assentos, servindo como ponto de venda de objetos artesanais e domésticos. A segunda é conhecida como Praça Manoel Galdino, ficando bares, restaurantes e o terminal rodoviário do município.

A terceira é o objeto central deste estudo, é também um espaço público e urbano frequentado por moradores soledadenses e viajantes, tendo a função de lazer efetivamente. A manutenção da iluminação, canteiros arborizados, assentos em bom estado e uma fonte luminosa que atrai a atenção de quem a frequenta é mantida pelo poder público municipal.

É um lugar que contempla as práticas de lazer, sociabilidade e manifestações culturais. Cada indivíduo frequentador constrói sua identidade seja no espaço como forma física, como o espaço simbólico do modo de vida. Ao tratar a praça como lugar construtor de identidades, podemos entender o sentido das espacialidades ou até mesmo de territorialidades presentes neste espaço, pois à medida que cada grupo se divide em diferentes pontos oferecidos na praça, são expressas as relações sociais de poder e o modo como se integram mostram as desigualdades sócioespaciais. Todavia, podemos considerar que a praça é um espaço intencional de entretenimento, de encontro, de lazer, de troca de palavras e coletividade.

Como descrito no capítulo anterior, às praças passaram por muitas transformações, especialmente devido ao advento do capitalismo, que levou pessoas em âmbito político, econômico e social a mudarem seus costumes, os usos e a forma de lazer, conforme Angelis (2005) quando afirma que:

O esvaziamento das praças e os rivais anômalos a ela enquanto lugar de encontro e reunião são entre outros os shopping-centers, uma vez que mesmo num ambiente artificial induz e reproduz aspectos da natureza num mundo do capitalismo selvagem, onde o ser humano é capaz de prender sua atenção horas num ambiente economicamente inviável num entretenimento estressante, fruto da vida urbana. (YOKOO, 2009, *apud* Angelis. p. 11)

No caso em que tratamos, a praça do município revela as tradições do povo soledadense, embora para muitos, essa tradição tenham já se perdido ao longo do tempo, diminuindo a frequência e a visita por parte de alguns moradores. No entanto, alguns frequentadores percebem que faltam alguns aparatos para tornar a praça mais atrativa, mesmo não havendo, marcam “presença”. Em conversa com um frequentador diário, ele afirma:

Nossa praça não dispõe de nada em suas dependências, ela não chama a atenção para pessoas de fora virem e assim aumentar o rendimento municipal, exclusivamente de se reunir com os amigos, mas sempre debatemos lá como ela poderia ser melhor, como por exemplo, se fosse liberado som automotivo nela ou se fosse feita alguma quadra de esportes ou coisas do tipo (Matheus, 18 anos. Entrevista julho/2013.).

O fato é que os tempos mudaram, a população de um modo geral adquiriu novos hábitos e costumes. Outro participante, que frequenta semanalmente esta praça, ressalta:

Vejo que em todos os finais de semana, vem aumentando a participação de crianças até idosos. E ainda mais sendo de lado da BR 230 já dá um grande “pulo” no comércio, na questão das pessoas estarem passando pela cidade e *ver* a animação das pessoas descem para tirar um foto, fazer um lanche entre tantas outras coisas e também a praça é um dos pontos turísticos de nossa cidade: um “Cartão Postal”. (Rafael, 23 anos. Entrevista julho/2013.).

As opiniões divergem entre os frequentadores, principalmente por aqueles que não são assíduos (sic), como exemplo desse adolescente:

Eu, particularmente, acho que a praça, hoje não é um espaço de lazer [...] Ao [irmos à praça, nos deparamos com coisas que não nos faz sentir “bem”...] existem lugares melhores, no qual posso me divertir, a Igreja por exemplo. Quando eu vou à praça, é apenas para distrair-me um pouco com amigos. (Victor, 20 anos, Entrevista julho/2013.)

Podemos perceber que a praça se torna espaço de distração para alguns dos frequentadores, ao mesmo tempo em que para outros é espaço de diversão, de encontro. Como em décadas passadas, a praça ainda tem a função de encontro, bate papo, como também na *ágora* é propício a colocação e debates de ideias, de símbolo comercial e político, entre outros. É certo, que alguns dos valores se modificaram e alguns resistiram, porém com esta diferença entre se distrair e se divertir, notamos que o lugar vivido é aquele espaço físico que está sempre ali, mas os significados para cada indivíduo são diferentes, isso ocorre porque os espaços públicos como a praça, se reduziram a espaços verdes, como em Paris no século XVII, diminuindo o convívio social, aparecendo outros atrativos, e a população em si já não tem mais tempo para bate papo ou contemplação daquele lugar. E muitas das vezes, a falta de espaços de lazer faz que o indivíduo procure outros lugares e atrações.

Com relação à Praça Zé de Melo percebeu que ela foi modificada com intuito de atrair esse convívio social, no entanto, não é frequentada com a intenção de lazer puramente, entre os jovens, por exemplo, por não deixar mais o uso de sons automotivos ou festas populares ao seu redor (são poucas as que ocorrem), não atrai os habitantes das cidades circunvizinhas e nem a grande frequência dos próprios jovens. Para alguns pais a praça serve como lugar para as crianças brincarem, passarem o final de tardes, embora, não ofereça segurança ao seu redor, pois ao seu lado fica uma rodovia. Para os idosos pesquisados a praça é como passatempo, ter conversa com os amigos, ver os carros passando na BR, como relata o senhor José Araújo, morador da cidade de Soledade:

Eu gosto de vir e ficar aqui, fico olhando os carros passar, converso com um amigo aqui e outro ali, dou risadas [...] Tem sombra e agora nesse tempo as flores deixa a praça mais bonita (José Araújo, 65 anos. Entrevista jul./2013).

A Praça Zé de Melo é bastante frequentada, verificando que durante o dia há pessoas mais idosas, as que fazem algum trabalho nas suas proximidades, vendedores ambulantes e os estudantes. Durante a noite, na semana é pouco o fluxo de pessoas, apenas alguns estudantes ou aqueles que se alimentam próximo ou/na praça de alimentação. Observamos no decorrer das entrevistas, que os indivíduos frequentadores possuem opiniões semelhantes, como:

A praça é um ponto muito importante para o município, pois é uma fonte de renda para as pessoas que tem o seu comércio no referido local. Porque além da BR que passa justamente na praça, tem um grande número de pessoas que passam nesta cidade e ainda tem as pessoas que costumam se reunir nestes locais, gerando renda. (Iolanda Costa, 22 anos. Entrevista julho/2013.)

Percebe-se que o fluxo maior sempre é nos finais de semana, a idade varia entre os frequentadores. Portanto, para alguns dos seus frequentadores, para os representantes do poder públicos e viajantes a praça é sim um espaço de lazer do município, deveriam existir outros lugares deste tipo para que pudesse haver a escolha, mas ainda está apenas nos projetos do Poder Municipal. Notamos isso na fala de alguns entrevistados, quando afirmam que:

Ela é sim um espaço de lazer, onde as pessoas se encontram pra colocar os papos em dia, principalmente finais de semana e em dias de festas. Meu intuito quando vou a praça é reencontrar os amigos, me distrair um pouco, fazer novas amizades. (Ana Flávia, 22 anos. Entrevista julho/2013.)

Nesta opinião, a descrição se torna convergente, com a fala da entrevistada Iolanda Costa:

É um local de encontro com amigos, que buscam conversar e se divertir, não somente amigos, mas também a própria família gosta de fazer seus passeios no final de tarde na praça. Passear e encontrar amigos, conversar um pouco, se distrair, conhecer pessoas novas, ir para festa, andar no parque quando tem (geralmente nas festividades), lanchar... (Iolanda Costa, 22 anos. Entrevista julho/2013.)

Durante o processo de pesquisa, ocorreram festividades que levam a compreender que este espaço torna-se mais amplo e mais movimentado, pois familiares, amigos e

turistas motivam-se para participar e interagirem com tais atividades (Figura 5). Desta forma, as praças enquanto espaços públicos reúnem pessoas, especialmente, quando são realizadas comemorações festivas, onde há uma expressão de satisfação da população para participar e sentir-se envolvida nestes eventos populares.

Figura 5: Praça Zé de Melo durante festividades do São João



Fonte: Almir Guimarães, 2014.

Sendo assim, para que a praça seja sempre espaço para a dinamização de atividades culturais, tem que apresentar qualidade física, mobilidade e acessibilidade. A apropriação por parte dos jovens acontece quando há algo para atrair a atenção, pois meios tecnológicos, como celulares, *iphone*, *tablets*, entre outros aparelhos portáteis modernos, surgem também em cidades menores interioranas, deixando um pouco no passado as relações próximas e afetivas, que poderiam ser compartilhadas pessoalmente. Isso fica bastante claro quando a senhorita Carla Fernandes, explica:

Eu gosto muito da praça de Soledade, pois a mesma é tida como uma referência, cidade de alegria e muita animação. Mas acredito que houve tempos melhores e que as pessoas se sentiam mais motivadas para frequentá-la, havia mais atração, tinha som para empolgar a galera jovem, afinal à juventude gosta muito de diversão. (Carla, 25 anos. Entrevista julho/2013.)

A partir destes breves relatos, percebemos que a Praça referente a este estudo, apresenta muitos usos e significados diferentes. Percebe-se ainda que para cada geração, este espaço sofre adequações e diferentes olhares. A Praça Zé de Melo com o crescimento

da cidade e após várias gestões necessitou de adaptações, como a implantação de novas iluminações, calçamentos, canteiros e bancos.

Com isso, a população local, que vive a mercê de políticas públicas, busca o seu desenvolvimento como prioridades que atenda as necessidades e interesse do público em geral. O trabalho exercido por partes de camelôs, donos de barracas (de sanduíche, pipoca, balas, pastéis) demonstra essa forma de cidadania, da qual, o trabalhador procura lugares que possa movimentar economicamente sua renda, apropriando-se da praça, devido às práticas sociais de interação e de lazer (Figura 6). Podemos ressaltar ainda, quando há festividades, este lugar sofre algumas deteriorações, ficando desgastado, sujo e danificado.

Figura 6: Barracas em volta da Praça Zé de Melo



Fonte: Iris Rocha, 2014.

Portanto, torna-se necessário ter a compreensão por parte do poder público para contemplar a cidade com espaços sociais, atrativos e de cultura para a população que nela habita. (Figura 7)

Figura 7: Praça Zé de Melo



Fonte: Iris Rocha, 2013.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao tratar sobre o objeto analisado percebemos que as intervenções realizadas pelo poder público local não foram tão relevantes, no que se refere à função da Praça Zé de Melo em um ambiente de socialização e lazer para as populações, constatou-se que este espaço ainda carece de infraestruturas mais eficientes. Embora apresente alguns elementos essenciais, como relativa arborização e iluminação, coleta regular de resíduos sólidos, este espaço não oferece muitos atrativos de lazer e cultura para os habitantes.

Devemos ressaltar que o significado da praça para os habitantes (inclusive os governantes) é de grande importância. No entanto, a Praça Zé de Melo não dispõe de atrativos para nenhuma faixa etária, como muitas praças existentes que oferece e proporciona o lazer. Falta nesta praça parques permanentes para crianças, calçadas para caminhada, ciclovias, entre outros instrumentos adequados e específicos ao lazer, à recreação e principalmente ações voltadas para a população local e populações de outras localidades, através da promoção de atividades culturais, como apresentações de grupos musicais, dança e artes.

A praça isoladamente não pode mudar o contexto da cidade, mas poderá contribuir de maneira mais significativa à vivência do lugar, uma vez que a praça apresenta um potencial sócio-afetivo e dinamizador.

Portanto, é necessário o poder público ter ações concretas sobre o uso e apropriação deste espaço, visando políticas públicas, que atendam também outras prioridades da população, como lazer e cultura em cidades pequenas.

REFERÊNCIAS:

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: editora ática, 1989.
- GOMES, Paulo C. C. “**A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos**” In: CÔRREA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny. *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 93-113.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Olhares geográficos - Modos de ver e viver o espaço: Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus. 1998.
- _____ **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus. 2008.
- MASSEY, Doreen. ARANTES, Antonio A. **O espaço da diferença: o sentido global do lugar**. Campinas: Papirus, 2000, p. 177-185.
- ROSENDAHL, Zeny . **Cultura, espaço e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- SENNETT, Richard. **O Domínio do Homem Público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SOUSA, Mauro Wilton de. **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. **A transformação da noção de espaço público: a tendência à heterotopia no Largo da Carioca**. [s.n.] Rio de Janeiro, 2007.
- YOKOO, Sandra Carbonera. CHIES, Cláudia. **O papel das praças públicas: estudo de caso da Praça Raposo Tavares na cidade de Maringá**. Artigo do IV EPCT – Encontro de Produção Científica e Tecnológica, 2009.